

O IMPÉRIO PERSA E O EXÍLIO DE ISRAEL: UMA PERSPECTIVA CULTURAL, HISTÓRICA E TEOLÓGICA

Marcelo de Andrade Romero¹

Resumo

Este texto analisa a trajetória histórica do povo de Israel no império persa, desde o exílio até a sua libertação, entre o século sexto e o século quarto a.C. Este texto objetiva analisar o contexto em que os fatos ocorreram e os benefícios para Israel e para o cumprimento das promessas divinas. É muito interessante comparar as promessas divinas com os acontecimentos que de fato ocorreram e em que condições as promessas puderam se concretizar. Outro fato interessante explorado no artigo é a análise dos diversos reinados e suas lideranças que cobriram este longo período. O artigo demonstra como a cultura dos persas foi importante para Israel e para os planos divinos tanto na libertação do cativo como no retorno a um país devastado e com a identidade religiosa comprometida.

Palavras-chave: Império Persa. Israel. Cultura. História.

Abstract

This text analyzes the historical trajectory of the people of Israel in the Persian empire, from exile to their liberation, between the sixth and fourth centuries BC. This text aims to analyze the context in which the events occurred and the benefits for Israel and the fulfillment of divine promises. It is very interesting to compare divine promises with the events that actually occurred and under what conditions the promises were able to come true. Another interesting fact explored in the article is the analysis of the different reigns and their leadership that covered this long period. The article demonstrates how the culture of the Persians was important for Israel and for divine plans both in liberation from captivity and in the return to a devastated country with compromised religious identity.

Keywords: Persian Empire. Israel. Culture. History.

¹ Marcelo de Andrade Romero, é Livre-Docente pela USP em Ambiente & Comportamento, Doutor em Estruturas Ambientais Urbanas pela USP, Mestre em Tecnologia da Arquitetura pela USP, Mestre em Teologia pelo ISC, Pós-graduado em Filosofia pelo ICE, Bacharel em Filosofia pelo ICE e Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela UBC.

1. Introdução

De todos os impérios da antiguidade que receberam exilados de Israel, ou de forma direta, ou seja, no papel de invasor, ou de forma indireta, no papel quem herdou o povo exilado, os persas foram aqueles que mais contribuíram positivamente com Israel. Esta contribuição foi notadamente marcante porque a forma de compreender os povos vizinhos, a sua cultura e sobretudo o seu potencial enquanto parceiro, na cultura persa, foi algo único naquele período. Talvez seja um pouco prematuro afirmar tal coisa, mas, esta forma de dominação, pode ter trazido uma grande vantagem aos persas no sentido de dar mais perenidade e gerar menos conflitos dentro das fronteiras do império. Um dos exemplos disto pode ter ocorrido no período de Ciro, o Grande, conforme postulado por Grimberg:

“Não é impossível que Ciro tenha tirado partido dos sentimentos dos judeus, mesmo antes de atacar Babel (leia-se a capital da Babilônia). Neste caso, os judeus teriam podido ajuda-lo a investir contra a capital babilônica. E poder-se-ia interpretar o comportamento de Ciro como um aprova de reconhecimento do vencedor para com os seus aliados fiéis. Um dos primeiros decretos que promulgam após a conquista de Babel, foi autorizar os Judeus a regressarem à sua cidade santa e aí reconstruírem o seu templo” (GRIMBERG, pg.9).

Se este sentimento de recompensar um povo exilado dentro do império, de fato houve, deve ter havido somente até Dario I e é muito pouco provável que tenha chegado até os dias de Xerxes I. Notamos no livro de Ester, que ela, por persuasão do seu primo Mardoqueu, não revelou a Xerxes a sua origem judaica (Ester 2:10) e só o fez quando foi forçada a isto para desmascarar Hamã (Ester 7:3-4). Ora, se houvesse ainda por parte dos persas um sentimento de dívida para com os judeus, Ester não precisaria esconder a sua origem, como o fez. Aliás, ela, ao contrário, a teria revelado assim que fosse possível, para angariar uma vantagem a mais para si na escolha da futura rainha. Também, Mardoqueu não preveniria Ester de forma tão direta e cautelosa como o fez, com um receio bastante claro e direto de que ao revelar a sua ascendência judaica, Ester pudesse estar correndo algum perigo.

O ponto de vista de Grimberg entre em aparente conflito do o relato de Esdras em 2 Crônicas (2 Cr. 36:22-23) pois Esdras afirmou que:

²²No primeiro ano do reinado de Ciro, rei da Pérsia, cumpriu-se o que o SENHOR Deus tinha dito pelo profeta Jeremias. O SENHOR tocou no coração de Ciro, e este ordenou que fosse comunicado em todo o seu reino, por escrito e também por meio de leitura em público, este decreto: ²³“Eu, Ciro, rei da Pérsia, declaro o seguinte: O SENHOR, o Deus do céu, me fez governador do mundo inteiro e me encarregou de construir para ele um templo em Jerusalém, na região de Judá. Eu ordeno que todos vocês que são o seu povo vão a Jerusalém e peço que Deus esteja com vocês (Bíblia sagrada – NTLH).”

Digo, aparente conflito, porque Deus se utiliza de fatos do mundo real para cumprir os seus planos e isto significa que algum fato externo pode de fato ter ocorrido para que Ciro fosse benevolente daquela forma. Lawrence também reafirma a presença da mão de Deus nas ações de Ciro e relembra que naquela ocasião, Daniel, já com mais de 80 anos, ciente da promessa de que quando se completasse o ciclo de setenta anos, haveria o retorno a Israel, pediu a intervenção de Deus quando da queda do império babilônico e a sua oração foi respondida prontamente (LAWRENCE, 111).

O que fica claro aqui, é que, com alguma prerrogativa ou se nenhuma prerrogativa, Israel foi beneficiado pelos principais monarcas persas, sobretudo Ciro o Grande, Dario, Xerxes e Artaxerxes (ver figura 1 a seguir).

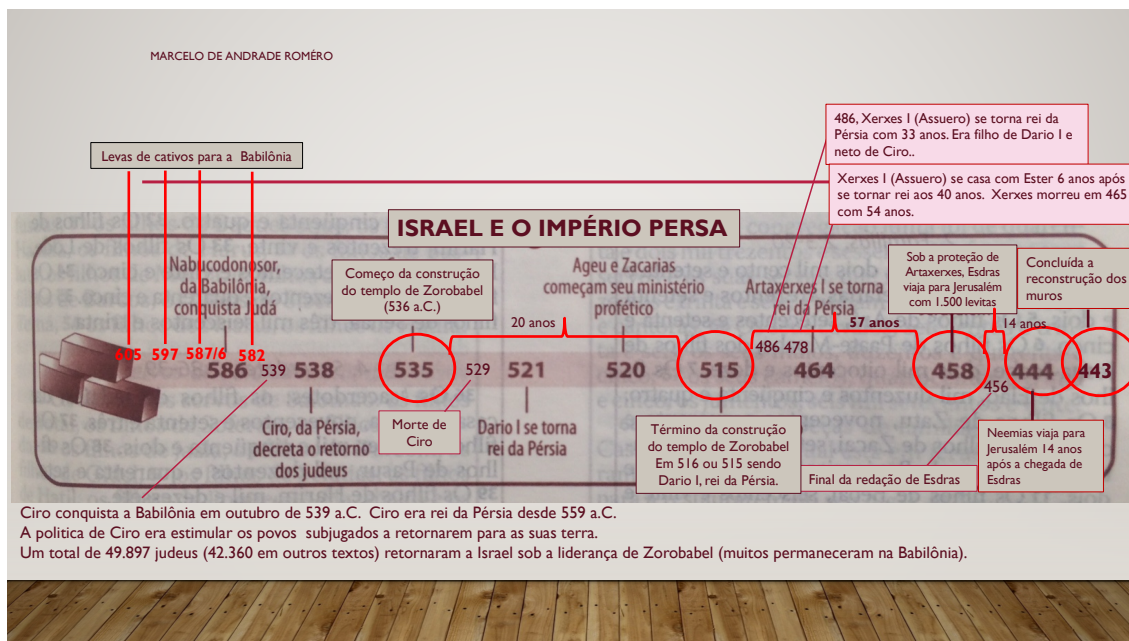


Figura 1 – Cronologia dos reis persas e a sua relação com Israel.

Fonte: Adaptado pelo autor da Bíblia Anotada e Expandida.

A figura 1 apresenta uma série de informações bastante relevantes para a compreensão da trajetória de Israel no império Persa. Houve quatro deportações de judeus para a Babilônia, nomeadamente 605, 597, 687/6 e 582. Não há consenso sobre a quantidade de deportações para a Babilônia; alguns textos mencionam entre três e seis deportações, porém o ponto fundamental é que os judeus foram levados cativos para aquele país mais de uma vez, apenas sob o domínio dos babilônios, além da deportação das tribos do norte, Israel, sob o domínio assírio. O comportamento dos assírios com relação aos povos conquistados era bem diferente do comportamento persa; os assírios espalhavam os povos conquistados no interior do império e os escravizava enquanto os persas não os espalhavam e não os escravizavam. Torna-se importante e relevante analisar o contexto em que estes fatos ocorreram e os benefícios para Israel e para o cumprimento das promessas divinas.

2. A formação do império persa: o contexto histórico

Entre o 9º e 8º milênio antes da era cristã houve uma transformação bastante significativa no desenvolvimento da cultura, no tipo de assentamento e da luta pela subsistência do homem. Neste período, impulsionado pelo domínio de culturas de

cereais silvestres como o trigo e a cevada principalmente e pela domesticação de alguns animais, a espécie humana teve pela primeira vez, condições de criar pequenos assentamentos ainda não considerados como cidades. Por outro lado, já havia tecnologia para a produção de habitações construídas com tijolos de barro e nasceram assim os primeiros vilarejos. Um outro fator determinante que viabilizou o aparecimento destes assentamentos foi a escolha por habitar sítios onde a planície aluvial favorecia a agricultura. Dois dos maiores assentamentos desta época são o sítio Telles-Sultan (Jericó) no vale do rio Jordão e Çatal Huyuk, na planície central da atual Turquia (PARKER, p.40).

Uma questão que se coloca aqui é a origem do povo persa. De onde vieram e como se tornaram um império. Grimberg, ressalta que as contendas entre os Medas e os Persas com os assírios e os Babilônios, marcaram o aparecimento dos povos indo-europeus no cenário histórico (GRIMBERG, p.3). O surgimento destes povos pode ter origem na sua expulsão das regiões limítrofes da China, por outros povos do oriente e a região da mesopotâmia, desprovida de barreiras naturais e servida por alguns rios caudalosos, tornava-se uma boa opção para o desenvolvimento de novos assentamentos. Nesta hipótese, haveria uma origem comum para todos os povos que habitaram a grande região da mesopotâmia e do oriente próximo e uma comprovação desta hipótese seria um estudo de linguística detalhado a respeito dos diversos idiomas que se desenvolveram a partir deste idioma central e inicial. Grimberg explica:

“E foi neste domínio (do mais alto interesse) que perspicazes investigadores desbravaram um difícil terreno: estabeleceram de uma forma indiscutível o parentesco que une as numerosas línguas indo-europeias – indianas, persas, eslavas, gregas, itálicas, célticas e germânicas. Um exemplo: o termo pai é uma contração do latim pater (que em italiano deu padre)” (GRIMBERG, p.4).

Para nós, neste ensaio, a importância está na compreensão da formação do império persa, para poder compreender então, por meio das suas origens, entender o seu comportamento e conseqüentemente a sua cultura (ver item 3). Freitas Neto e Tasinafo, resumem bem esta questão e atribuem aos Sumérios o primeiro povo autócono, ou seja, não originário do lugar, com uma identidade definida a realizar um assentamento na região, inclusive com uma escrita própria e organização em torno de cidades. Os sumérios não eram os únicos a habitar a região. Para além de alguns

pequenos povos que já se encontravam lá, um outro grupo, os acádios, se fixou em uma região ao norte dos sumérios. Ambos os grupos conviveram de forma conjunta na região com alguns embates por conta do controle de um recurso absolutamente fundamental: a água. “Os acadianos, por sua maior proximidade com as nascentes, ao desviarem um trecho do rio, alteravam o volume de águas que seguiam para os sumérios, por exemplo. Essa questão interferia nas relações políticas entre os dois povos que se fixaram na mesopotâmia na mesma época (FREITAS NETO; TASINAFO, p.30). Os dois povos se uniram, próximo a 2.350 a.C. e formaram um só grupo sumério-acadianos, liderados por Sargão da cidade de Akkad. A religiosidade deste povo unificado admitia uma pluralidade de deuses e admitiam também a interferência destes deuses na vida cotidiana. Vamos explorar um pouco mais este aspecto quando estivermos discutindo a cultura dos persas.

A unificação sumério-acadianos perdurou, muito embora uma série de disputas internas tenham ocorrido neste período, até que ascendeu à liderança da região, um outro povo que tinha a cidade da Babilônia como o seu centro de poder e liderada por Hamurabi (1.792 a 1.749 a.C.). Hamurabi consolidou o primeiro império babilônico na mesopotâmia juntamente com um outro império que estava se formando, o império assírio. Uma das grandes contribuições de Hamurabi foi a criação de um registro detalhado de leis de funcionamento da sociedade e que era conhecido de todos, ou seja, foi dado aos cidadãos o direito de conhecer os seus direitos, os seus deveres e sobretudo ficou muito clara a idéia de que não existiam mais leis individuais por cidadão, e todos estavam abaixo de uma só lei.

O código de Hamurabi (século XVIII a.C.) foi implantado antes da Lei de Moisés, quer o êxodo tenha ocorrido em nas duas datas possíveis, 1.445 ou 1.290 a.C (ver extensão do império assírio na figura 2 a seguir).

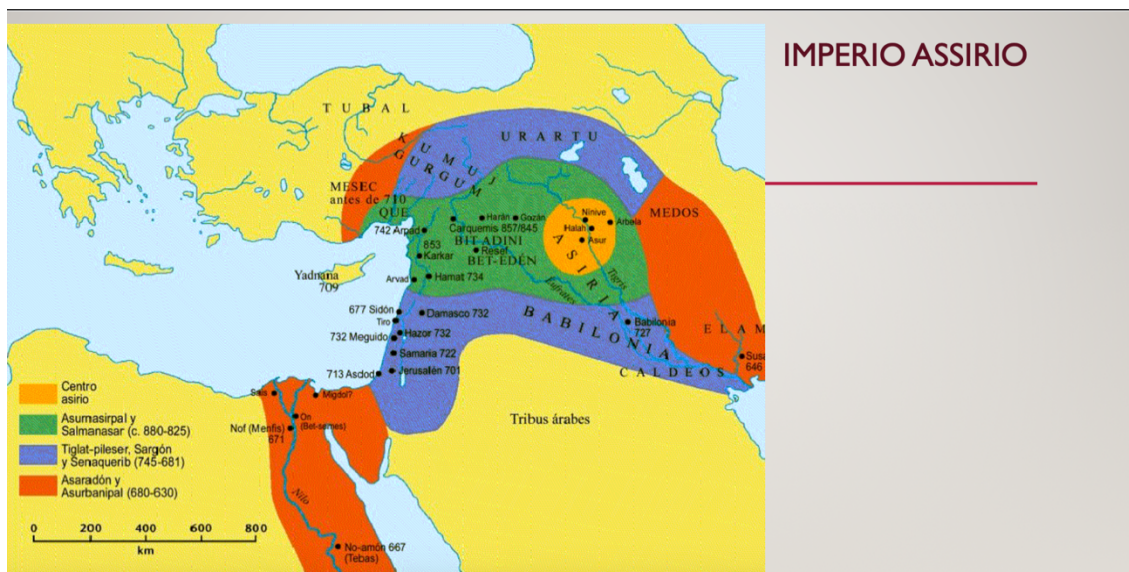


Figura 2 – Extensão do império assírio abrangendo a Palestina.

Os assírios acabaram por conquistar a Babilônia em 729 a.C. mas este domínio durou apenas 117 anos pois em 612 a.C. uma coalisão formada por caldeus, medos, elamitas e babilônios acabou por derrubar o domínio assírio na região. Com esta queda, o espólio assírio foi dividido entre os medos e os babilônios e surge então o segundo império da babilônia (Neobabilônico) na mesopotâmia e surge um novo império, os medos (FREITAS NETO; TASINAFO, p.34). O império babilônico floresceu sobretudo sob o comando de Nabucodonosor, tanto na arquitetura como nas artes e nas ciências (ver extensão do império babilônico na figura 3 a seguir).

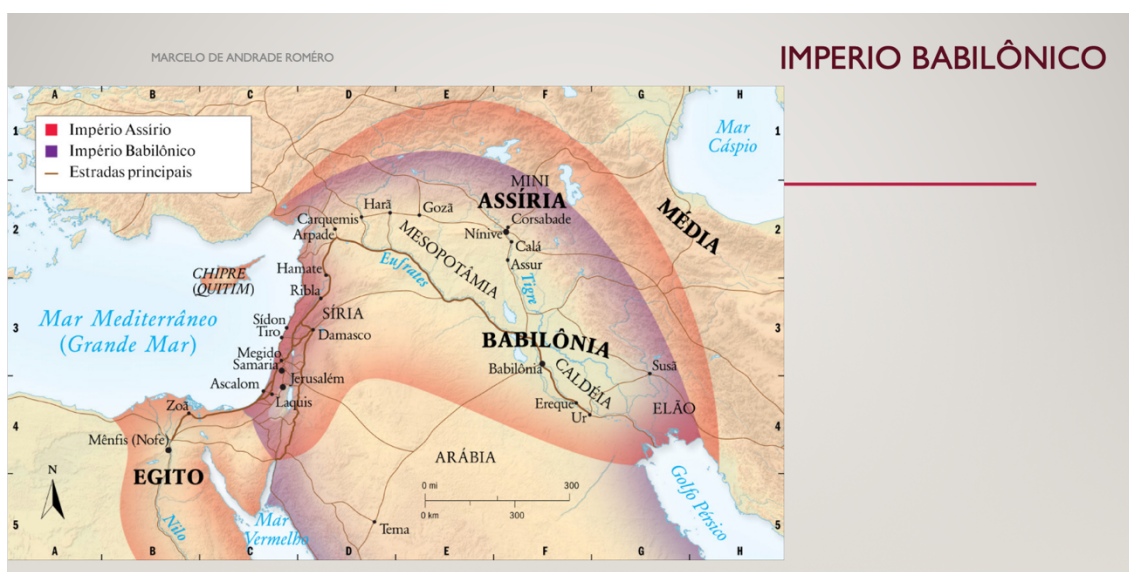


Figura 3 – Extensão do império babilônico abrangendo a Palestina.

Os medas, por sua vez, dividiam o poder local com um outro povo, também indo-europeu e que se instalou no planalto do Irã, a oriente da Assíria e da Babilônia, os persas. Muito embora, medas e persas convivessem proximamente, os medas possuíam uma certa ascensão sobre os persas até que em 550 a.C., Ciro, um líder persa revoltou-se e derrubou o império meda e anexou a babilônia em 539 a.C. (GRIMBERG, p.8), iniciando assim o grande império persa. Ciro venceu os exércitos babilônios em Opis, próximo ao rio Tigre no dia 10 de outubro de 539 a.C., mas a capital, a própria cidade da babilônia, ainda não tinha caído e o monarca Belsazar permanecia lá confiante nas envolventes e poderosas muralhas da cidade (LAWRENCE, p.110).

O livro de Daniel descreve muito bem e detalhadamente os fatos que se sucederam. Belsazar estava dando um banquete e pediu que trouxessem para ele as taças de ouro e de prata que pertenciam ao templo de Salomão e que Nabucodonosor havia trazido de Jerusalém. No meio da cerimônia, uma mão começou a escrever na parede atrás do rei a inscrição: MENE, MENE, TEQUEL e PARSIM. Daniel foi chamado para interpretar a inusitada inscrição e a sua interpretação dizia que as inscrições afirmavam: Contou Deus o teu reino e deu cabo dele. Pesado foi na balança e achado em falta. Dividido foi o teu reino e dado aos medos e aos persas. “Naquela mesma noite, foi morto Belsazar, rei dos caldeus. E Dario², o medo, com cerca de sessenta e dois anos, se apoderou do reino” (Dn 5:30-31). Devido a proximidade entre os persas e os medas, Ciro foi chamado de medo por Daniel mas ele na verdade estava interessado em estabelecer definitivamente o império persa e não o império medo. A cidade babilônia, havia caído³ (ver extensão do império persa na figura 4 a seguir). O

² Lawrence, explica que “Dario o medo” pode ser apenas outro nome para Ciro da Pérsia (LAWRENCE, p.110)

³ “A Babilônia de que estamos tratando, a que Ciro conquistou, era a sede de um poderoso império (classificado como “Segundo Império Babilônico”), que conseguiu firmar-se após o período de hegemonia da Assíria, cuja capital era Nínive. Pois bem, pelos relatos do passado e pelas ruínas arqueológicas, Babilônia, atravessada pelo rio Eufrates, devia ser linda. Em termos de arte e arquitetura, era deslumbrante aos olhos de quem lá chegava. Foi também um importante centro de investigação científica, ao menos para os padrões daqueles dias - a tremenda bagunça entre astrologia e astronomia teve um ápice em Babilônia, e a confusão foi tanta, que até hoje há quem não consiga separar uma coisa da outra. Babilônia era riquíssima, os tesouros acumulados graças ao comércio e à tributação dos povos dominados tornaram-na um alvo bastante óbvio para a cobiça de muitos monarcas, de modo que Ciro, governante de persas e medos, pretendeu conquistá-la. Mas como? Babilônia parecia inexpugnável. Suas altas muralhas afiguravam-se intransponíveis. Só a força bruta não seria, jamais, suficiente para derrotá-la. Num cenário assim, a inteligência teria que trabalhar muito. Temos, de Heródoto de

império persa superou o império assírio e o império babilônico. Interessante que mesmo suplantando o império assírio, não há registro nas escrituras de que os judeus espalhados pelos assírios tenham se reagrupado com os demais judeus levados cativos sob o domínio de Nabucodonosor. Se isto for verdade, significa que a intensão assíria de espalhar um povo para destruir as marcas da sua cultura e o seu senso de nacionalismo foi tão bem-feita, que não há menção que um remanescente judeu de Israel tenha se encontrado com os seus compatriotas de Judá no território persa.

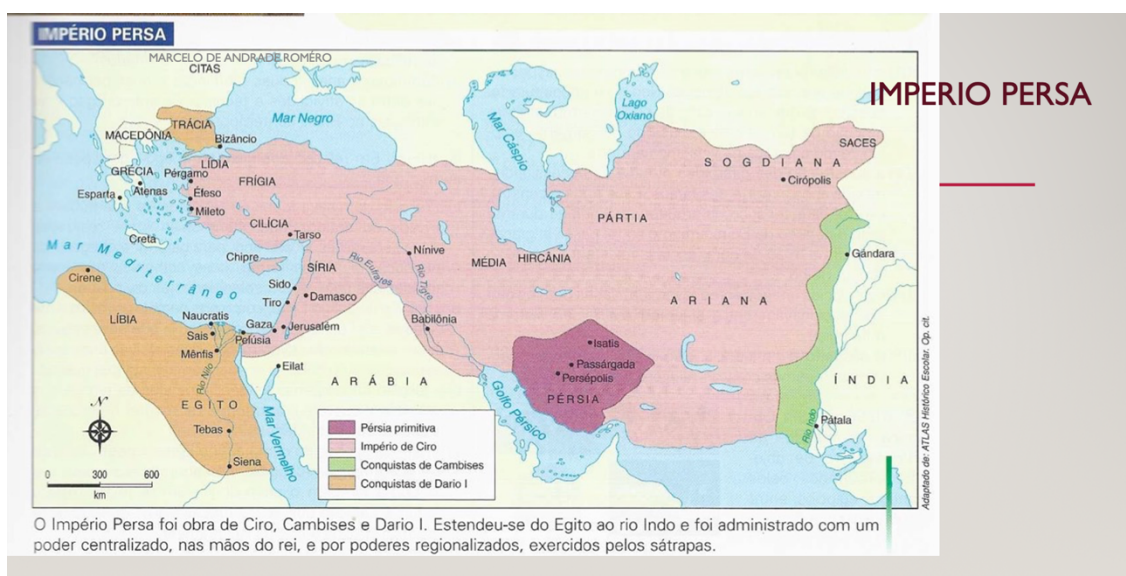


Figura 4 – Extensão do império persa abrangendo a Palestina.

Halicarnasso, um relato detalhado de como tudo aconteceu. Ciro constatou que, nas cercanias da cidade, havia um velho lago (já usado do passado) e que estava praticamente seco. Assim, colocou seus melhores soldados, que dividiu em dois grupos, perto de onde o Eufrates entrava em Babilônia e perto de onde saía. Depois, determinou que os sapadores construíssem um canal que, ligando o Eufrates ao lago, permitisse um desvio das águas, de modo que o nível do rio baixasse o suficiente para ser atravessado por forças pedestres. Quando os soldados, aguardando em seus postos, viram que a água havia baixado, entraram no leito do rio e passaram para dentro da cidade. Ao que tudo indica, era noite quando essa manobra se verificou. Porém o curso do Eufrates, mesmo dentro de Babilônia, era muito bem protegido. Altos muros margeavam o rio, e o acesso a ele se fazia por enormes portões que eram, habitualmente, fechados durante as horas da noite. Desse modo, aponta Heródoto, teria sido fácil aos babilônios promover um verdadeiro massacre de persas, se tão somente tivessem, postados no alto dos muros, encontrado um aprazível entretenimento em assetear os invasores. Mas isso não aconteceu, e por um motivo que fez toda a diferença nessa história. Naquela data estavam os babilônios, tanto os poderosos como a gente comum, comemorando uma de suas festas religiosas e, seja por descuido, seja por excesso de confiança, ninguém se lembrou de fechar os portões que davam acesso ao rio, mesmo sabendo que inimigos andavam por perto. Os persas, entrando sorrateiramente, já haviam tomado o controle da periferia da grande metrópole, enquanto os moradores da região central, bem como a elite dominante, envolvidos na festança, nem faziam ideia do que se passava. Era 539 a.C., chegava ao fim a hegemonia babilônica”. Fonte: <https://martaiansen.blogspot.com/2014/04/como-ciro-o-persa-conquistou-babilonia.html>. (acesso em 02 de maio de 2020).

3. O governo e a cultura persa

A compreensão da cultura persa pode elucidar muitas das ações dos personagens bíblicos, sobretudo nos livros de Esdras, Neemias e Ester, como também pode elucidar a própria compreensão do comportamento dos persas com os judeus daquele tempo. Este capítulo explora estes conceitos que serão mais bem exemplificados nos capítulos seguintes.

Em termos administrativos, os persas possuíam uma administração centralizada no monarca, porém subdividida em 20 regiões administrativas ou províncias. Estas províncias eram governadas por sátrapas que possuíam bastante poder em suas regiões embora respondessem ao monarca. Estas 20 regiões eram subdivididas em 127 províncias menores e lideradas por governadores administrando cada uma destas regiões. O livro de Ester relata uma das reuniões de Xerxes I com os seus governadores (Ester 1:1-2). Havia um líder, abaixo do soberano que liderava os sátrapas, conhecido como *visir* ou primeiro ministro que respondia somente ao soberano. O livro de Ester também cita este personagem que naquele momento era ocupado por um homem chamado Hamã (Ester 3:1). O soberano, por sua vez, possuía uma rede de investigação e fiscalização das ações dos governadores e dos sátrapas que comunicavam a ele todas as ações que porventura ameaçasse o seu governo ou a sua pessoa. Em decisões importantes como o início de uma noiva campanha militar, o soberano chamava os governadores e os sátrapas para discutirem juntos as estratégias militares e também obter os seus apoios em termos de recursos humano ou militar (Ester 1:1-5).

Vale ressaltar as dificuldades adicionais de governar um império tão heterogêneo como o império persa com evidentes diferenças de raças, religiões, línguas, estruturas sociais e atividades econômicas. Nestas condições, uma organização descentralizada porem vigiada, faria a diferença entre o sucesso e o fracasso da ordem.

As marcantes diferenças regionais, culturais e religiosas, não poupariam os súditos do império em obedecer aos éditos reais assim que fossem proclamados (Ester 1:19-20). Vale ressaltar também que um édito real assim que fosse selado com o anel

sobre o lacre do monarca, não poderia ser revogado, nem mesmo pela decisão do monarca que o selou. Cabia aos povos conquistados, a obediência das ordens imperiais, o fornecimento regular de contingentes militares e o pagamento de tributos.

Os soberanos persas conheciam as suas linhagens familiares e as suas origens e faziam questão de frisa-las e registrá-las para não haver dúvida de uma eventual dúvida ou contestação do seu direito ao trono. Um destes exemplos é uma inscrição encontrada e ditada por Xerxes a respeito de si mesmo:

“Eu Xerxes, grande rei, rei dos reis, rei das regiões de numerosas raças, rei desta raça que se estende à distância, filho de Dario, o rei, Aquemênida, persa, filho de um persa, ariano, de raça ariana (AYMARD, A., p.200)”

A soberania absoluta do rei jamais era contestada e o seu direito ao trono derivava do deus persa Ahuramazda e este tipo de tradição não era incomum no oriente próximo inclusive entre os egípcios e também entre os judeus. Muito embora o poder do monarca fosse absoluto havia regras, muitas delas estabelecidas por Hamurabi que no “preâmbulo do seu código mandou escrever: Amei a justiça e odiei a mentira.....minha vontade foi não permitir injustiça alguma para com a viúva e o órfão”⁴ (AYMARD, A., p.204). A questão do enrijecimento da etiqueta real ocorreu no império persa após Dario e podemos atestar isto no comportamento de Xerxes I com a rainha Ester que mesmo sendo rainha, nunca poderia aparecer na ante-sala do trono, ou no pátio do trono sem ter sido convidada, sob o risco de perder a sua vida (Ester 5:1-2). Sem dúvida, na medida que crescia o império a importância do monarca crescia na mesma proporção e isto pôde ser verificado no império persa. Por outro lado, Aymard ressalta que este isolamento, absolutamente desnecessário, acarretava

⁴ É interessante notar a semelhança da ética persa presente no código de Hamurabi com a lei judaica dada por Deus a Moisés no Sinai. Outras manifestações presentes no código reafirmam este princípio de justiça:

Se alguém tiver um débito de empréstimo e uma tempestade prostrar os grãos ou a colheita for ruim, ou os grãos não crescerem por falta d’água, naquele ano a pessoa não precisa dar ao seu credor dinheiro algum. Ele deve lavar sua tábua de débito na água e não pagar aluguel naquele ano.

Se a esposa de alguém for surpreendida em flagrante com outro homem, ambos devem ser amarrados e jogados dentro d’água, mas o marido pode perdoar a sua esposa, assim como o rei perdoa a seus escravos. Fonte: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/historia/codigo-de-hamurabi> (acesso em 10-05-2020)

ao monarca inevitáveis consequências como intrigas no harém real entre as mulheres, intrigas entre os eunucos e alguns ministros (AYMARD, A., p.204), culminando até com uma conspiração contra a vida do monarca como está relatado no livro de Ester (Ester 2:21). Este episódio ocorrido no interior do palácio real demonstra como Mordecai possuía uma elevada posição no governo persa pois pôde ouvir uma conversa entre dois funcionários do palácio muito próximos ao rei, pois cuidavam das suas mulheres e, portanto, gozavam de uma determinada confiança diante do rei.

Nas questões relativas ao domínio sobre as nações conquistadas, vale reafirmar que há muitas evidências sobre o tipo de tratamento diferenciado dado pelos persas a estes povos e nações. Em contraste com os Assírios e os Romanos, historiadores e arqueólogos ingleses afirmavam que invariavelmente os persas conduziam as suas guerras com grande humanidade. A Enciclopédia Britânica, a este respeito completa:

“Like Cyrus, all his successors welcomed member of the conquered nationalities to their service, employed them as administrators or generals and made them grants of land: and this not only in the case of Medes, but also of Armenians; Lydians; Jews and Greeks (The Encyclopedia Britannica, Vol, XXI, p.207).

O fato narrado pelos britânicos no início do século XX pode ser confirmado pelos fatos narrados no livro de Ester quando apresenta o judeu Mordecai como um alto funcionário do império persa, chegando inclusive à posição de Primeiro Ministro, acima de todos os sátrapas e dos governadores (ESTER 8:1-2). Trata-se de uma consideração absolutamente inusitada para a época e uma confiança bastante diferenciada para com os povos outrora inimigos. Este fato demonstra uma autoconfiança muito grande no poderio do império e na consciência, por parte dos persas, de que haveria pouquíssimas possibilidades de insurreições internas. A julgar pelos relatos encontrados nos livros bíblicos de Esdras, Neemias e Ester, estas insurreições, se houve, eram fatos absolutamente isolados. Pelo contrário, o que se percebe nestes livros é que os persas criaram condições para que as nações conquistadas sobrevivessem no seio do império e colaborassem para a sua manutenção e para o seu desenvolvimento.

4. Zorobabel, Esdras, Neemias e a cultura persa

A cultura persa que se traduz pela forma de tratar os povos conquistados e a relativa abertura para a convivência com suas religiões, foi de fundamental importância para o cumprimento das promessas de Deus ao seu povo. A primeira ação neste sentido por parte do império persa, foi a permissão para que Zorobabel retornasse a Jerusalém para construir um novo templo ali. Vale lembrar o significado da representação da construção de um novo templo na capital do Estado de Israel. O decreto do imperador Ciro de 538 a.C., permitiu que cerca de 50.000 judeus retornassem ao seu país, recuperando as suas cidades e se dirigindo a sua capital Jerusalém. Não se tratou de reconstruir o templo de Salomão, mas de construir um segundo templo, mais modesto, menor e sem a presença da arca.

A construção foi feita, apesar dos esforços de alguns israelitas de impedir este trabalho ou quem sabe, de atrasá-lo. O templo foi construído já no governo de Dario I, que honrou o decreto de Ciro e a devolução de milhares de peças judaicas levadas do templo de Salomão por Nabucodonosor (ver figura 5 a seguir).

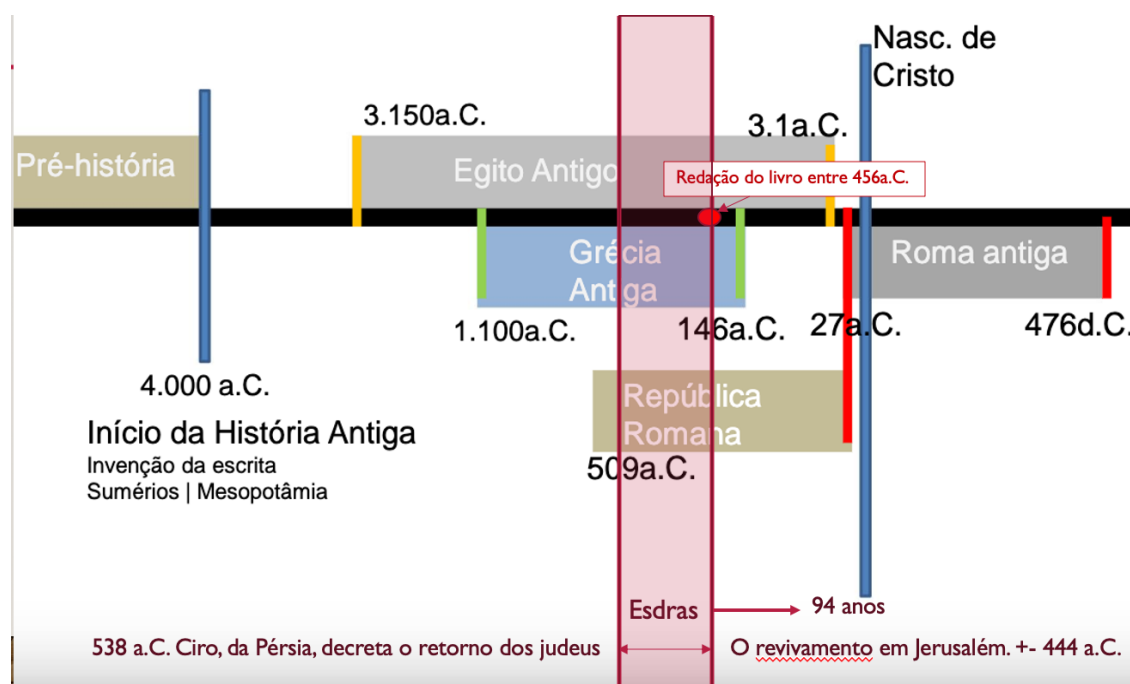


Figura 5 – O período de Esdras em um contexto histórico cronológico.

Fonte: https://issuu.com/renatacristiani/docs/03_roma. Adaptado e complementado pelo autor

Uma vez construído o templo, coube a Esdras, a reconstrução de algo tão importante que foi a reconstrução do espírito religioso nacional e do culto ao Deus da nação de Israel. Esdras conseguiu o seu intuito apesar de todos os esforços contrários dos judeus. Com a finalização do templo, a volta dos sacrifícios e do cumprimento da Lei Mosaica, faltava um aspecto fundamental para as nações e os povos daquela época, que eram os muros de proteção. Por quatro milênios, entre aproximadamente o terceiro milênio antes de Cristo até o século XVI, a segurança ou mesmo a existência de uma nação dependia da manutenção de sua capital e da sua monarquia. Se estes preceitos fossem rompidos, a nação deixaria de existir e passaria a ser dominada pela nação invasora.

Neste aspecto, os muros das cidades eram aspectos fundamentais na segurança nacional e na manutenção enquanto existência. Por estes motivos, havia por parte dos povos um esforço enorme na construção dos muros que envolviam as cidades capitais de forma a transforma-los cada vez mais em barreiras intransponíveis. Alguma de fato eram e necessitaram de elementos subterfúgios para serem rompidos como foi o caso da tomada de Tróia pelos gregos. Os muros da cidade eram intransponíveis para a tecnologia grega e só lhes restou uma outra estratégia para adentrar a cidade sem derrubar os muros. Um segundo elemento da maior importância eram os portões, que por serem elementos aparentemente frágeis não poderiam mais ser, e teriam que assumir uma característica de barreira intransponível. Sendo assim, para um povo invasor, havia duas possibilidades de se conquistar uma nação: romper os muros de uma cidade ou romper os seus portões. Lisboa, uma cidade moura foi conquistada por Dom Afonso Henriques, um conde espanhol, pelos seus portões pois os seus muros não foram rompidos. Da mesma forma, a cidade da babilônia foi conquistada pelos persas pelos portões internos que foram descuidadamente deixados abertos.

Neemias, um israelita de fato, tinha noção de todas estas coisas, e mesmo sabendo que o templo e o culto a Yahweh tinham sido reestabelecidos, a capital nacional não possuía nem muros e nem portões e seria necessário reconstruí-los pois no passado, havia e foram completamente destruídos por Nabucodonosor. Este sentimento o atordoava até que conseguiu de Artaxerxes I, a permissão para reconstruir os muros e os portões da cidade para posteriormente retornar a Pérsia e dar

Opção 1): Um incrível senso de segurança nacional, de poderio e de confiança na superioridade do império persa frente à nação Israel?

Opção 2) A possibilidade de utilizar Israel como um fiscal de fronteira entre o Egito e a Pérsia?

Opção 3) A confiança na fidelidade da liderança israelita, ou seja, nas pessoas de Zorobabel, Esdras e Neemias, tendo em vista os seus históricos pessoais e a sua ligação com o império persa.

As três opções são verdadeiras. Certamente que a Pérsia entendia a sua superioridade frente a Israel, mesmo com muros e portões reestabelecidos. Era como se isto não tivesse importância para eles, ou seja, no caso de um embate, ambos seriam destruídos e a julgar pelo comportamento da liderança judaica nas pessoas de Zorobabel, Esdras e Neemias, parece que isto fazia algum sentido. A possibilidade de utilizar Israel como um fiscal de fronteira entre o Egito e a Pérsia também pode ser entendida como uma opção viável pois naquele momento, o compromisso com os persas era muito superior ao compromisso com os egípcios, aliás isto ficou claro na conversa entre Neemias e Artaxerxes I quando o monarca lhe perguntou quanto tempo ele precisaria para a tarefa e quando retornaria às suas funções no império persa (Ne 2:6). A qualquer momento Israel poderia enviar emissários à Pérsia para se prepararem contra o Egito ou até mesmo socorrer Israel. Creio que isto também deve ter sido colocado na balança.

A terceira opção também é verdadeira porque por mais que se formalize uma ação com contratos e acordos, existe sempre um nível de subjetividade que não pode ser garantida, a não ser por uma determinada confiança conquistada. Esta parece ter sido a condição de confiança que selou as ações de Ciro, Dario e Artaxerxes com Zorobabel (Ciro e Dario), Esdras e Neemias (Artaxerxes) que além de serem estrangeiros na pérsia, proclamavam outra religião. A este respeito, cabe aqui um comentário: havia por parte dos persas uma certa condescendência com a religião dos povos conquistados desde que esta não colocasse em risco a soberania nacional, leia-se a soberania do monarca e do seu governo. Aliás, foi este o argumento utilizado por Naamã contra Mordecai no livro de Ester que analisaremos a seguir.

5. Ester e a cultura persa

O período de Ester e Xerxes I ou Assuero, se situa entre o reinado de Dario e Artaxerxes I. ou seja, os acontecimentos narrados no livro de Ester e como uma moça judia se tornara rainha de todo o vasto império persa, ocorre entre a reconstrução do templo de Jerusalém e a reconstrução dos muros da cidade. Neste sentido, Ester tinha noção de que o templo estava reerguido e de que havia uma grande população em Israel como um todo, bem como havia ainda uma grande população no vasto império persa que abarcava praticamente todo o mundo conhecido, incluindo o Egito (ver mapa na figura 4). Cronologicamente, os acontecimentos ocorridos no período de Ester podem ser visualizados na figura 6, a seguir, que também contextualizam estes fatos com o que estava ocorrendo no restante do mundo conhecido.

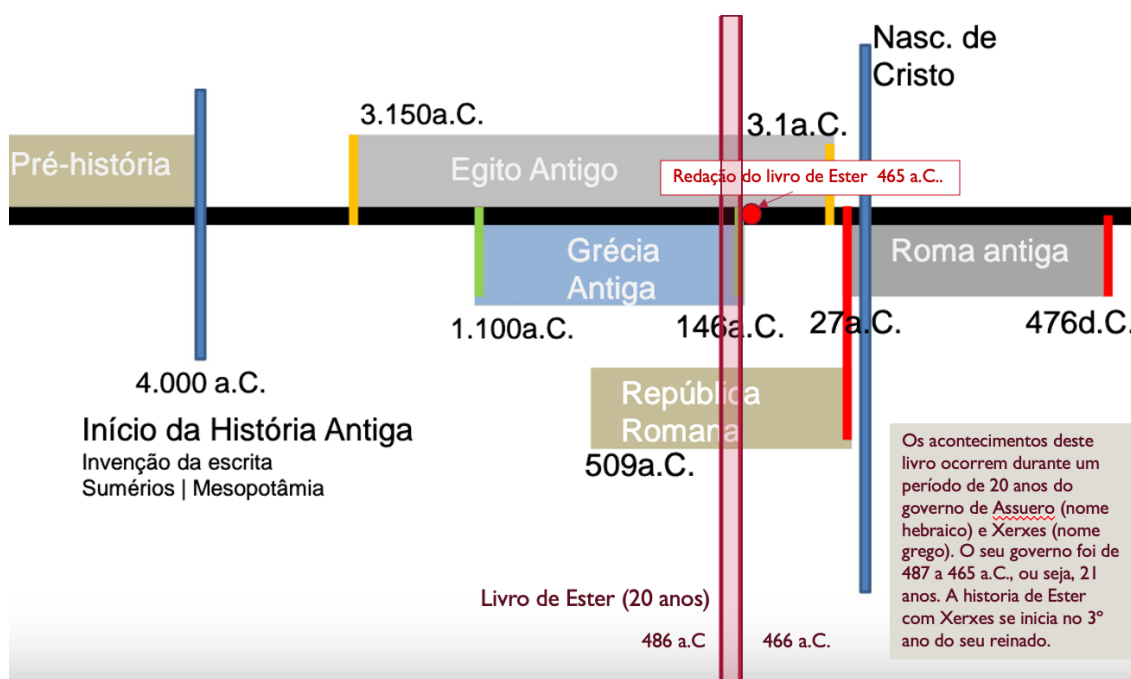


Figura 6 – O período de Ester em um contexto histórico cronológico.

Fonte: https://issuu.com/renatacristiani/docs/03_roma. Adaptado e complementado pelo autor

As figuras a seguir, apresentam os acontecimentos narrados somente no período abarcado pelo livro bíblico de Ester referenciados cronologicamente (ver figuras de 7 a 9).

MARCELO DE ANDRADE ROMÉRO

ESBOÇO DO LIVRO DE ESTER (1ª PARTE)

DATA	DOS FATOS
487 - 486	Xerxes I se torna rei da Pérsia
483	Xerxes I, na cidade de Susã, dá um banquete para todos os governadores das 127 províncias do Império Persa. O banquete dura seis meses. Provavelmente ele chamou este encontro para discutir a futura invasão da Grécia. Na sequência Xerxes I oferece um banquete de uma semana no palácio real, para todos os habitantes da cidade de Susã, de todas as classes. No 7º dia, Xerxes I chama a rainha Vasti para demonstrar a para todos. Vasti se nega a comparecer.
483	Com a recusa de Vasti, Xerxes I, aconselhado por seus conselheiros e por alguns governadores, baixou um edito real contra ela e um segundo edito com validade em todo o império de que o homem é o chefe maior da família, com domínio sobre a mulher e a sua língua natal deve ser a língua da família.
27/08/479	Quatro anos depois, Xerxes I é derrotado na batalha de Platéia, a última guerra Médica contra os gregos, decide não mais atacar a Grécia, volta para casa e decide casar novamente.
479	Xerxes I baixa um novo edito real convocando todas as mulheres jovens da cidade de Susã para dentre elas escolher a futura rainha.
479	Mordecai, um judeu, alto funcionário do império, criava uma filha chamada Hadassa ou Ester e a levou para fazer parte do grupo de mulheres que seria apresentada ao rei.
478	Ester é escolhida por Xerxes I para ser a nova rainha do império Pérsia. Na festa de casamento Xerxes I concedeu alívio às províncias.

Figura 7 – Esboço do livro de Ester – Parte 1ª. parte

MARCELO DE ANDRADE ROMÉRO

ESBOÇO DO LIVRO DE ESTER (2ª PARTE)

DATA	DOS FATOS
478 - 477	Mordecai, escutou dois funcionários eunucos tramarem para assassinar Xerxes I. Mordecai contou a Ester e pediu que contasse o plano a Xerxes que manda averiguar e comprova a veracidade da trama.
	Xerxes I coloca um dos seus governadores como Primeiro Ministro para todo o império e ordenou que todos se curvassem diante dele. Mordecai se recusou a ter esta atitude.
474	Hamã tramou um plano para punir Mordecai e ao mesmo tempo extirpar todos os judeus do império. O plano argumentava que os judeus não obedeciam as leis persas e não adoravam os deuses persas e por este motivo deveriam morrer e os seus bens, avaliados em 375 toneladas de prata seriam somados ao tesouro real. Hamã apresentou o plano a Xerxes I que o aprovou entregando o destino dos judeus nas mãos de Hamã, bem como os seus bens. Neste plano todos os judeus, homens, mulheres, idosos e crianças deveriam serem mortos em todas as 127 províncias. O destino do "povo de Deus" na mão de um homem. Como Deus entendeu isso?
Março ou abril de 473	Foi a data escolhida por Hamã para ".....destruir todos os judeus, povo de Mordecai, que havia em todo o reino de Assuero (Xerxes I da Pérsia)" 3:6.
474	Ester procurou saber os motivos de tal sentença e soube por Mordecai que pediu a ele que apelasse a Xerxes I intercedendo pelos judeus. Ester argumentou que se fizesse isto correria risco de morte e Mordecai contra argumentou que ela já estava correndo este risco de qualquer maneira por ser judia.
474	Ester pediu que todos os judeus de Susã jejuassem de alimento e de água por três dias e após este período ela se apresentaria ao rei. Ela assim o fez e Xerxes I a recebeu. Ele já não há via a mais de um mês.
474	Ester pede que o rei compareça a um banquete juntamente com Hamã.

Figura 8 – Esboço do livro de Ester – Parte 2ª. parte

MARCELO DE ANDRADE ROMÉRO

ESBOÇO DO LIVRO DE ESTER (3ª PARTE)

DATA	DOS FATOS
474	No banquete, Ester não formula o seu pedido e pede um segundo banquete que é aceito por Xerxes I.
474	Na madrugada anterior ao 2º banquete Xerxes I sofre de insônia e pede para ler o livro com os registros dos acontecimentos do reino. Ele abre na página que fala de Mordecai e da sua lealdade ao rei. Xerxes I então decidiu honrar Mordecai mas não definiu ainda como.
474	Naquela mesma noite Hamã planejou a morte de Mordecai e mandou construir uma forca de 23 metros de altura para enforcá-lo. Na manhã seguinte Hamã foi ao palácio pedir autorização ao rei para matar Mordecai e o rei quando o vê pergunta a ele o que deve ser feito para o rei honrar um homem. Hamã responde e Xerxes I pede que exatamente isto seja feito com Mordecai.
474	A mulher de Hamã disse a ele que ele está mexendo com a pessoa errada.....
474	No segundo banquete Ester pede ao rei a libertação dos judeus e ele se indigna com a atitude de Hamã. Para complicar ele vê Hamã deitado muito próximo de Ester suplicando pela própria vida. Xerxes I manda enforcar Hamã na mesma forca preparada para Mordecai e coloca Mordecai como o 2º no reino.
25/06/473	Xerxes I promulga um edito real permitindo a defesa dos judeus e os judeus se preparam nos oito meses seguintes para isto.
13 de março de 473	Os judeus se defendem e se consolidam em todo o reino da Pérsia. É instituída a festa do Purim com jejum até os dias de hoje.
14 e 15 de março de 473	Os judeus nas províncias do império descansaram e fizeram um dia de banquetes e alegria (9:17). Os judeus que estavam em Susã, descansaram no dia 15 de março. Mordecai instituiu então que os dias 14 e 15 de março sejam comemorados doravante como os dias em que os judeus tiveram sossego dos seus inimigos e a sua tristeza foi transformada em alegria.
466 - 465	Mordecai conclui a sua missão como o 2º no governo da Pérsia.

Figura 9 – Esboço do livro de Ester – Parte 3ª. parte

Nota-se no livro de Ester a presença de vários elementos da cultura e do comportamento dos persas sendo que a mais relevante é a permissão para que um povo que pratique uma outra religião possa conviver com a sua prática sem aderir às práticas da religião nacional e corrente. Ao permitir que Israel sobrevivesse, Xerxes estava também dado permissão para que o culto ao Deus de Israel sobrevivesse pois estava claro para Xerxes que os israelitas, muito embora fossem todos persas de nascimento, sobretudo aqueles que nasceram no seio do império como Ester e Mordecai, possuíam um outro tipo de ligação mais forte o senso do nacionalismo ao qual pertenciam enquanto cidadãos.

Ora, não é este o mesmo senso que os judeus de todo o mundo preconiza e praticam nos dias de hoje, muito embora sejam americanos ou europeus, existe algo maior e mais importante que os une e isto continua sendo a sua crença no Deus Uno. Esta história, no contexto mundial, só encontra paralelo entre os mulçumanos, mas vale ressaltar que a trajetória de Israel com o seu Deus é pelo menos dois milênios mais antiga. House, faz uma análise bastante interessante da história contida no livro de Ester (HOUSE, pág. 629 a 634). Ele a subdivide em três partes ou res características deste Deus: a) O Deus que permite a Israel enfrentar o perigo (Ester 1:1 a 4:17); b) O

Deus que protege os exilados (Ester 5:1 – 9:19); c) O Deus que institui o Purim (Ester 9:20 a 10:3), ou seja, a festa da libertação pois nunca o povo judeu sofreram tanto perigo.

6. Considerações sobre a ação de Deus no período do domínio persa

O primeiro aspecto que mais chama a nossa atenção quando da análise de todos estes fatos, é como o Deus bíblico, zela pelo cumprimento de suas promessas e como Ele se utiliza da cultura do lugar fazendo com que prevaleça a sua vontade e ela seja seguida. O exílio imposto pelos Assírios, babilônios e Persas foi uma resposta ao comportamento de Israel, e isto foi veementemente preconizado pelos profetas. Por outro lado, havia uma outra profecia que deveria ser cumprida que era o advento do Messias, e este deveria nascer, viver e morrer no contexto das práticas judaicas e na observância da Lei. Ora, como isto seria possível se a nação deixasse de existir como desejava Hamã.

O interessante é que a ordem para o extermínio total da nação fora dada, assinado e lacrado, no verdadeiro significado da palavra, com o lacre real, mas Deus possuía um plano diferente daquele. Aqui aparece uma outra peculiaridade do comportamento de Deus: Ele se utiliza das pessoas que são fiéis à Ele no cumprimento dos seus planos. Sem duvida que Ele também pode agir sem o auxílio dos seus seguidores como fez inúmeras vezes no Antigo Testamento, mas parece que Deus os honra, convidando-os para fazerem parte dos seus planos, com o fez com Zorobabel, Esdras, Neemias, Mordecai, e Ester, além de muitos não citados nos textos bíblicos, mas que sem duvida existiram. Deus agiu no seio da cultura persa e a utilizou nos seus planos.

Certamente que este não é o único ponto de vista existente para compreender o desenvolvimento destas histórias, nem mesmo entre os judeus. Há que acredite que todas as ações dos judeus nos contextos internacionais sempre foram movidas por razões econômicas como Attali que teceu considerações sobre as verdadeiras razões da trajetória judaica desde a Pérsia até os dias de hoje:

“Aparentemente, a última etapa dessa gênese do povo judeu é mais teológica do que econômica. No decorrer de um inacreditável entrelaçamento de dinastias, assinalado por golpes e Estado e traições, os judeus vão voltar à Judéia, ali reconstruir seu reino e triunfar, para depois perder tudo novamente e partir outra vez para um exílio de dois mil anos. O dinheiro está por trás de cada um destes acontecimentos: é pelo dinheiro que se cobiça a terra, é graças a ele que se financiam exércitos e que se reconstrói o Templo, é por causa das riquezas nele contidas que o reino é atacado e colonizado. Também aqui, e mais uma vez, o dinheiro que deveria ter servido para evitar a violência, não fez senão atraí-la (ATTALI, pag. 69-70).”

Não é possível concordar integralmente com Attali pois é bastante plausível que o motivo dos monarcas persas em permitir o movimento sionista para Israel, ainda nos tempos de Ciro, secundado por Dario e Xerxes, tenha sido econômico, como forma de proteger o império de uma invasão de povos do sul como o Egito, mas não nos parece que este tenha sido o mote principal que moveu Esdras ou Neemias. O texto bíblico nos oferece um segundo ponto de vista afirmando que o que os moveu, foi a reconstrução de uma nação fundada em um nacionalismo que iria para além das razões nacionalistas em si, mas que resgataria o culto a Yahweh.

Um fato interessante de ser observado é que no período persa, ao mesmo tempo em que foi aquele onde houve maior liberdade para o povo judaico, foi aquele onde eles sofreram talvez o maior perigo de extinção em toda a história de Israel até hoje. Este perigo não foi observado no cativeiro no Egito, no cativeiro assírio, ou no cativeiro babilônico, mas foi observado no cativeiro persa. Talvez a lição que possa ficar aqui é que, *nem sempre o que está bem continuará sempre bem*. O povo de Deus tem que estar em constante alerta, não obstante as condições momentâneas e por vezes aparentes de tranquilidade.

Sem dúvida que a cultura dos persas foi bastante propícia para Israel e para os planos divinos, mas talvez nunca saibamos de fato se Deus interveio na cultura dos persas para ela ser o que foi ou se não interveio, mas de forma proposital fez com que o exílio ocorresse no seio daquele povo e não de outro como os egípcios ou os assírios. O fato é que Deus harmoniosamente e sabiamente fez com que Israel retornasse para Ele com Zorobabel e novamente se voltasse para Ele com Esdras.

Referencias Bibliográficas

AYMARD, André; AUBOYER, Jeannine. **O Oriente e a Grécia – As civilizações imperiais**. Volume I, Coleção História Geral das Civilizações. Difusão Europeia do Livro, São Paulo, 4º. Edição, 1965, 328p.

ATTALI, Jacques. **Os judeus, o dinheiro e o mundo**. São Paulo, Futura, 2003, 648 pag.

FREITAS NETO, José Alves; TASINAFIO, Célio Ricardo. **História Geral e do Brasil**. São Paulo, Editora Harbra, 932p.

GRIMBERG, C. **História Universal – Da Babilônia à Pérsia**. Volume 3. Editora Azul, Santiago do Chile, 1989, 80p.

HOUSE, Paul R. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo, Vida Acadêmica, 2017, 759 p.

LAWRENCE, Paul. **Atlas Histórico e Geográfico da Bíblia**. Barueri, Sociedade Bíblica do Brasil, 188p.

PARKER, GEOFFREY. **Atlas da História do Mundo**. São Paulo, Agora – Folha de São Paulo, 320 p.

SOCIEDADE BIBLICA DO BRASIL, **Bíblia Sagrada** – NTLH, Barueri, Sociedade Bíblica do Brasil, 188p.1610p

THE ENCYCLOPEDIA BRITANNICA: A DICTIONARY OF ARTS, SCIENCES, LITERATURE AND GENERAL INFORMATIO. **Persia**, Vol, XXI, Cambridge, UK, Cambridge at The University Press, 1911, 984p.